

## BRASIL-JAPÃO, O INÍCIO DO TERCEIRO CAPÍTULO

**Roberto Rodrigues\***

No próximo ano, 2008, será celebrado o centenário da primeira imigração de japoneses para o Brasil. Trata-se de uma data memorável, que merece uma grande comemoração. A colônia japonesa no Brasil – maior número de cidadãos de origem daquele país em todo o mundo, fora do Japão – tem dado uma extraordinária contribuição para o desenvolvimento do nosso país.

Os filhos, netos e bisnetos dos primeiros imigrantes têm se destacado em todos os campos da atividade sócio-econômica e profissional, constituindo um formidável e respeitável conjunto de empreendedores.

A ação nipônica na indústria siderúrgica nacional foi essencial, sobretudo para o desenvolvimento da USIMINAS tanto em termos de capital quanto de tecnologia. Hoje, a presença no Brasil de gigantes japoneses, Mitsubishi, Mitsui, Honda, Toyota, Itochu e tantas outras, nos dá a dimensão de sua influência em nossa indústria.

Infelizmente, porém, o fluxo de comércio entre Brasil e Japão não tem sido favorável ao Brasil, na soma dos últimos 10 anos.

### BALANÇA COMERCIAL ENTRE O BRASIL E JAPÃO (US\$ bilhões) 1997-2006

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	Total
<b>Exp.</b>	3,07	2,20	2,19	2,47	1,99	2,10	2,31	2,77	3,48	3,88	26,46
<b>Imp.</b>	3,53	3,27	2,58	2,96	3,06	2,35	2,52	2,87	3,41	3,84	30,39
<b>Saldo</b>	-0,46	-1,07	-0,39	-0,49	-1,07	-0,25	-0,21	-0,1	0,07	0,04	-3,93

Fonte: MDIC

Por outro lado, os investimentos japoneses no Brasil não tem crescido sistematicamente e ainda somos o sétimo destino nesta área.

Independentemente das razões causais disto, é preciso estabelecer medidas e ações que retomem este fluxo comercial e que intensifiquem os investimentos japoneses no Brasil.

Seguramente, o agronegócio pode ser um importante agente nesta retomada. O Japão tem hoje uma população de 128 milhões, com uma renda per capita de US\$ 35.787/ano em 2005. Sem dúvida, um gigante consumidor de produtos de origem agrícola, pois dentre os países desenvolvidos é o que tem menor índice de auto-suficiência de produção alimentar – somente 40%. Importaram em 2005 cerca de US\$ 52 bilhões em alimentos. É um imenso mercado para o Brasil.

Na verdade, a influência japonesa sobre a agricultura brasileira tem sido muito relevante. Em dois momentos históricos, foi mesmo determinante do nosso progresso rural.

O primeiro foi na chegada dos primeiros imigrantes. Eles nos trouxeram dois conhecimentos essenciais: a tecnologia e o cooperativismo.

A tecnologia em hortifrutigranjeiros permitiu o desenvolvimento dos cinturões verdes dos centros urbanos, garantindo a auto-suficiência brasileira em verduras, legumes, frutas e produtos animais, especificamente ovos e frangos.

E a mentalidade associativista deles deu origem às grandes cooperativas agropecuárias que serviriam de modelo para o nosso movimento. As Cooperativas Agrícolas Cotia e Sul-Brasil organizaram o mercado de hortifruti, dando a seus cooperados, pequenos produtores, uma chance de crescimento que lhes permitiu a educação dos filhos e netos, hoje nas mais diferentes profissões, principalmente urbanas. O fracasso de ambas as cooperativas, fruto de problemas com a política macro-econômica para o campo e de erros de alguns de seus gestores, até hoje é um prejuízo para o mercado de hortifruti, atualmente desorganizado e mal-explorado.

O segundo grande momento da presença japonesa em nosso agronegócio foi o Prodecer: Programa de Desenvolvimento do Cerrado, na década de 70, impulsionado pelo ministro Alysson Paulinelli. Até então, a agricultura brasileira era costeira, e se dizia que o cerrado era impróprio para atividade rural. A conquista desta área alargou extremamente a fronteira agrícola brasileira, permitindo um salto gigantesco na produção de grãos.

Pois bem. Estamos agora diante de uma terceira oportunidade para outro enorme acordo Brasil/Japão no temário agrícola. Trata-se da produção de etanol e outros biocombustíveis renováveis.

Só que desta vez, o Brasil não será o maior beneficiário. Desta vez o Japão se beneficiaria com a importação do etanol brasileiro, especialmente por razões ambientais, e um acordo entre a Petrobrás e a Mitsui já está em andamento.

Mas isto não pára aí. Juntos, os dois países podem trabalhar para produzir etanol e biodiesel com outros países asiáticos e africanos, além dos latino americanos, contribuindo para gerar empregos e riqueza nestas paragens pobres e subdesenvolvidas. Atuando em parceria, Brasil e Japão podem contribuir, com tecnologia de um e capital do outro, para a construção desta nova civilização que irá modificar a do petróleo em algumas décadas. E, com isso, ambos estarão também contribuindo para a defesa da paz universal e da democracia nestes países. Afinal, povos com renda boa, bem nutridos e energizados são muito mais pacíficos e democráticos.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Presidente do Conselho Superior do Agronegócio da FIESP, professor do Departamento de Economia Rural da UNESP - Jaboticabal**